

Daimones, gênios, anjos e demônios: a concepção dos espíritos presentes em *The arte Goetia*¹

Daimones, Genii, Angels and Demons: The Conception of Spirits in *The arte Goetia*

Gabriel de Oliveira Serafim
Universidade Federal de Santa Maria
jibrailserafim@gmail.com

Recebido: 26/04/2024
Acetado: 08/06/2024

Resumo

Este artigo pretende traçar as principais influências medievais e renascentistas que culminaram na figura dos espíritos presentes no grimório de magia salomônica do século XVII intitulado *The arte Goetia*. Por meio da concepção de esoterismo desenvolvida por Kocku von Stuckrad e pelo uso de alguns pressupostos da história intelectual desenvolvidos por Quentin Skinner, buscaremos compreender como as tradições islâmicas, cristãs e herméticas construíram a ideia de *demônio-daimon-djinn* presentes na fonte analisada, passando pelos séculos XII até o XVII.

Palavras-chave: Magia; Demônios; Renascimento.

Abstract

This article aims to trace the main medieval and Renaissance influences that culminated in the figure of the spirits present in the 17th century Solomonic magic grimoire entitled *The arte Goetia*. Through the concept of esotericism developed by Kocku von Stuckrad and the use of some assumptions of intellectual history developed by Quentin Skinner, we will try to understand how the Islamic, Christian and Hermetic traditions constructed the idea of the *demon-daimon-djinn* present in the source analyzed, from the 12th to the 17th century.

Keywords: Magic; Demons; Renaissance.

¹ Este artigo se trata do resultado de uma pesquisa de iniciação científica iniciada no ano de 2022, na Universidade Federal de Santa Maria.

Gabriel de Oliviera Serafim é estudante de graduação da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. É membro do grupo de história medieval e do renascimento VIRTÙ e pesquisa as relações entre magia e renascimento entre os séculos XII e XVII, em especial a magia salomônica.

Introdução

O *Lemegeton clavicula salomonis*², grimório de magia salomônica escrito por volta do século XVII, apresenta para o praticante uma série de ferramentas que visam contato com anjos, espíritos planetários e aéreos. Em seu primeiro livro, *The arte Goetia*, o texto versa sobre as qualidades dos 72 seres descritos como demoníacos e maus, mas que, ao mesmo tempo, atendem aos desígnios e vontades do mago. É interessante notar que aí existe uma contradição evidente para o pensamento cristão: como demônios, seres inerentemente maus, poderiam obedecer aos caprichos de um operador, realizando seus desejos? Nosso objetivo consiste em investigar quais ideias estão por trás destes seres para uma melhor compreensão deles. A fonte analisada carrega consigo um amontoado de influências que extrapolam o imaginário cristão. Veremos que as influências islâmicas e herméticas percorrem todo o texto, dando-lhe um sentido propriamente esotérico.

Mas no que consiste o esoterismo³? Para Kocku von Stuckrad, o discurso esotérico nasce de uma realidade europeia que sempre esteve em contato com um pluralismo religioso. A interação de diferentes sistemas culturais gerou, por meio de um processo de *organização da diferença*, discursos esotéricos; no sentido de apresentarem uma busca por um conhecimento secreto e absoluto, mostrando aos praticantes os meios de alcançá-lo

² Optamos por utilizar aqui a versão do documento produzida pelo pesquisador Joseph H Peterson, que transcreveu os manuscritos originais em uma versão comentada. Os manuscritos (conhecidos como Sloane ms 3825) estão atualmente na British Library, em Londres. J.H. Peterson também disponibiliza os textos em seu site, do qual podemos acessar por meio deste endereço: <https://www.esotericarchives.com/solomon/goetia.htm>

³ Vários autores se debruçaram sobre o conceito de esoterismo, o primeiro deles é Antoine Faivre (1994, p. 17), que buscou estabelecer uma série de critérios para identificar um fenômeno esotérico. Posteriormente outros autores criticaram a metodologia de Faivre, estabelecendo formas diferentes de definir o esoterismo, como Wouter Hanegraaf e Kocku von Stuckrad. Enquanto Hanegraaf (2013, p. 13) busca entender o fenômeno esotérico como um tipo de “conhecimento rejeitado” pela sociedade ocidental, Kocku von Stuckrad (2005, p 8) o entende como produto de um pluralismo religioso europeu. Há também as críticas de Julien Strube (2021, p. 4) sobre o eurocentrismo que atravessa as discussões sobre o esoterismo ocidental.

(Stuckrad, 2005. p.8-10). Será por meio deste entendimento do fenômeno que analisaremos as diversas influências que se encontram no *Goetia*, produzindo os seus sentidos.

Além disso, se faz necessário destacar nossa abordagem metodológica com relação aos textos. Estamos adotando algumas concepções da escola contextualista de Quentin Skinner. Para Skinner, o método da antiga história intelectual peca ao buscar analisar os clássicos da literatura política de forma isolada de seu contexto material e linguístico (Skinner, 2009. p.10). Investigaremos a obra em relação aos acontecimentos históricos junto às ideias que a rodeiam. Sobre seu método, Skinner argumenta:

O que, exatamente, o procedimento aqui proposto nos permite identificar nos textos clássicos que não se possa encontrar à sua mera leitura? A resposta, em termos genéricos, penso eu, é que ele nos permite definir o que seus autores estavam *fazendo* quando os escreveram. Podemos começar assim a ver não apenas que argumentos eles apresentavam, mas também as questões que formulavam e tentavam responder, e em que medida aceitavam e endossavam, ou contestavam e repeliam, ou às vezes até ignoravam (de forma polêmica), as ideias e convenções então predominantes no debate público. (Skinner, 2009, p 13)

Portanto, neste primeiro momento, dedicar-nos-emos a apresentar o contexto geral em que a fonte está inserida, onde analisaremos como ocorreu toda a movimentação de conceitos através do tempo e do espaço até a Inglaterra do século XVI para depois investigar o contexto linguístico-ideológico presente na fonte, ou seja, as principais ideias filosóficas ou teológicas que se encontram e que dão base para a concepção daquilo que chamarei “*demônio-daimon-jinn*”, presente nos 72 espíritos do *Goetia*.

O percurso de uma antiga tradição: Os *libri salomoni* na Europa

A tradição salomônica tem suas raízes na antiguidade, sendo desenvolvida posteriormente dentro do mundo muçulmano. Ainda que o contato entre cristãos e os seguidores de Maomé tenha se dado muitas vezes de forma militar, houve momentos de troca de ideias. Para Stuckrad, são esses momentos, em que um grupo torna o outro um objeto de discussão, com a finalidade de, a partir do outro, construir uma identidade, que teríamos o processo de *organização da diferença* — crucial para a formação do fenômeno esotérico (Stuckrad, 2005. p.8). Veremos que muito dos esforços de transmissão de textos árabes para o latim se justificavam por essa noção, pois muitos deles tinham a pretensão de mostrar ao outro, no plano da lógica, que estavam equivocados.

Como afirma Jacques Le Goff (2006, p. 38), foi durante os séculos XII e XIII, junto ao renascimento das cidades, da criação das universidades e o aparecimento da figura do intelectual, que se iniciou um movimento de tradução de textos árabes para dentro da cristandade latina. Foi por meio de duas frentes que este contato se tornou possível: pela Espanha, ainda em partes dominada pelos muçulmanos, e pela península itálica.

Esse movimento de tradução legou à cristandade uma profusão de obras filosóficas gregas e árabes. As obras de Aristóteles, de Euclides e de Avicena puderam ser acessadas pelos intelectuais cristãos do período, sendo de suma importância para o desenvolvimento ulterior da filosofia escolástica. Porém, junto a essas obras, vários tratados de natureza religiosa e mística puderam acessar o ocidente, a começar pelo próprio Alcorão, traduzido para combater o Islã no plano das ideias pela equipe formada por Pedro de Mont-Boissier (1092-1156), abade de Cluny. (Le Goff, 2006, p.38).

Outra obra destacável é *Ghāyat al-Hakīm*, traduzido para o latim por volta do século XIII e conhecido como Picatrix; grimório de magia talismânica e muito influente para as práticas mágicas desenvolvidas posteriormente, como é o caso do próprio *Goetia*, pois o seu sistema mágico depende da confecção de talismãs de metais para a correta operação. (Faiger, 2019, p. 29)

Será por volta do século XIII também que as primeiras menções à magia salomônica aparecem na Europa. Em 1260, a obra de Alberto Magno, "*Speculum Astronomiae*", descreveu certo número de textos atribuídos à figura de Salomão. Entre 1267-70, o autor franciscano Roger Bacon também fez o mesmo ao perceber a circulação de vários *Libri Salomoni* em sua obra *Tractatus Brevis* (Véronèse, 2019, p. 187).

Esta profusão de obras árabes, o reflorescimento das cidades, o surgimento das universidades junto ao grande reavivamento da filosofia clássica certamente provocou mudanças significativas para o pensamento europeu dos séculos XII e XIII. O pensamento humanista começava a tomar contornos.

Na mesma época em que essa profusão de textos está acontecendo, a Itália estava presenciando o surgimento de uma nova forma de organização social, encarnada na figura das cidades-repúblicas que apareciam no norte da península. Foi neste contexto em que ideias relacionadas, primeiramente, à liberdade jurídica das cidades frente ao domínio imperial e papal, que o humanismo renascentista surgiu (Skinner, 2009. p 26). Humanismo este que terá

na apropriação de conceitos advindos da antiguidade clássica, tal como a arte da retórica romana e a virtude estoíca, um dos seus principais fundamentos. Este último fator se relaciona diretamente com a troca de textos entre o mundo árabe e cristão discutidos anteriormente.

Não à toa que Dante Alighieri, quando escreveu sua comédia, não colocou os autores árabes nas profundezas do inferno, mas pelo contrário, mostrou Avicena e Averróis junto a Platão, Sócrates, Demócrito e outras grandes figuras gregas e latinas (Alighieri, 1998, p. 48). Não seria absurdo pensar, portanto, que textos de magia salomônica circulassem por estas regiões ao mesmo tempo em que os conceitos de *vir virtutis* estavam sendo debatidos pelos autores do renascimento. Em verdade, pouco nos importa a simultaneidade dos fenômenos, mas sim que a circulação e o entrecruzamento de ideias possam ter um fundamento material verossímil.

Foi também em Florença, cidade na qual Dante fora expulso há mais de cem anos, que Marsilio Ficino (1443-1499), em 1463, traduziu pela primeira vez o *Corpus Hermeticum* para o latim ao mando de seu mecenas, Cosimo de Médici. Da mesma forma que textos salomônicos cruzavam as fronteiras entre cristandade e islã, textos herméticos também foram preservados em grego no oriente. Segundo David Pessoa de Lira (2012, p.160) a preservação da tradição hermética em cidades resistentes à cristianização, como Harran, na atual Turquia, foram essenciais para a construção de um hermetismo islâmico e para a descoberta dos textos herméticos no ocidente.

Antoine Faivre (2016, p.136) afirma ainda que a tradição hermética redescoberta pelos italianos se tornou um elemento central da cultura europeia do período, sendo popular entre os membros mais “educados e proeminentes” da sociedade. De fato, a partir disso, muitos foram atraídos pelos ensinamentos de Hermes Trismegisto.

Em um século ainda marcado pelo grande Cisma de 1378, que só veio a terminar em 1417, a autoridade da igreja católica estava cada vez mais em crise. Essa situação pode ser condensada na fala do papa Eugênio IV, que em 1434, redigindo aos padres do concílio de Basileia, disse: “Das solas dos pés ao cocuruto da cabeça, não há no corpo da Igreja uma única parte sã” (Delumeau, 1984, p.124). Nestas condições, muitos pensadores humanistas do período procuravam formas alternativas de se relacionar com o divino; o hermetismo e o

neoplatonismo de Ficino naturalmente foram vistos como uma maneira de restaurar a verdadeira religião (Yates, 1995, p. 207).

Evidentemente, o hermetismo não se espalhou de forma homogênea pela Europa dos séculos XVI e XVII, recebendo contornos muito diferentes em localidades diferentes. O hermetismo de Ficino e de Pico della Mirandola, que poderíamos dizer moderado, não é o mesmo de um Giordano Bruno, muito mais radical em suas proposições ao considerar que a religião verdadeira não estava na Igreja, mas sim no antigo culto egípcio do Sol (Yates, 1995, p. 242).

Na Inglaterra, lugar onde nossa fonte foi escrita, a situação era um pouco diferente. As convulsões religiosas que assolavam o país durante o século XVI permitiu um “estranho isolamento”, como afirma Francis Yates (1995, p. 211). Nesse sentido, poucos foram os autores que trataram do assunto em solo inglês, muito em razão da grande violência religiosa entre católicos e protestantes. Thomas More (1478-1535), autor de *Utopia*, foi um dos primeiros a escrever sobre o assunto ao redigir uma biografia de Pico della Mirandola; Yates ainda supõe que existe um componente hermético muito forte na religião dos moradores de *Utopia* (Yates, 1995, p. 212). O hermetismo inglês acabava por ficar relegado a apenas alguns indivíduos e não a grupos inteiros. Esses fatores talvez possam explicar certo desenvolvimento tardio do *Goetia*, que foi escrito apenas em 1641, já próximo do “século das luzes”.

Porém, os textos de magia não eram novidade no reino da Inglaterra. O passado católico havia legado muitos livros de astrologia e necromancia, que chegavam em terras inglesas por meio do processo de tradução e circulação de obras advindas do mundo islâmico, como discutimos anteriormente. Podemos ver isso claramente nas descrições de magos que clérigos medievais ingleses faziam. É o caso de Odo de Cheriton (c. 1180-1247), que escreve:

Um clérigo que havia aprendido essas artes maléficas na Espanha estava voltando à Inglaterra com certo campesino impetuoso e audacioso, para que pudesse invocar demônios. Eles entraram em um círculo ao mesmo tempo [partindo de pontos diferentes] e, naquela noite, os demônios aparecem na forma de cavalos e outras bestas (Odo de Cheriton, *Apud*: Catherine Rider, 2014, p.149)

Histórias como essas eram comuns na Inglaterra medieval, sempre terminando com um final trágico a fim de alertar os perigos de se envolver com necromancia. No caso da história de Odo, o clérigo saiu correndo do círculo mágico com medo dos demônios, sendo este terrivelmente carregado para o inferno (Rider, 2014. p.150). A presença destes materiais nas

bibliotecas católicas motivará, futuramente, os puritanos a associarem a Igreja de Roma à magia; no século XVII essa associação também se estenderá para o próprio rei e para a igreja anglicana, sendo os dois acusados de obscurantismo “papista”, motivando assim o processo de guerra civil (Young, 2022, p 154-155).

Além disso, a reforma de Henrique VIII provocou uma violenta recusa a pensamentos esotéricos. Após 1542, vários tipos de magia, como as de amor ou as de encontrar um ladrão, foram consideradas contrárias às leis e puníveis com a morte. Em 1604, durante o reinado de James I, novamente foi publicado um ato contrário a práticas mágicas, transferindo a capacidade jurisdicional da igreja para o estado (Young, 2022, p. 140). Esses atos tiveram como consequência a perseguição de bruxas, mas também suponho que a anonimidade do nosso autor possa ter alguma relação com essas medidas, visto que o debate inglês sobre essas práticas pouco diferenciava o crime de bruxaria da prática de magia natural. No continente, a mesma perseguição acontecia, mas sobre a tutela da inquisição católica.

Aliás, o debate em torno da bruxaria que surgiu na Inglaterra entre os séculos XVI e XVII tornou-se de suma importância para o desenvolvimento do *Goetia*. A começar com a obra *Da daemonum de praestigiis* (1563), do médico holandês Johann Weyer, que buscou desacreditar a existência de bruxas. Na Inglaterra, Reginald Scot publicou, em 1584, *The Discoverie of Witchcraft*, que trouxe o mesmo ceticismo em relação às bruxas e à magia. Sua obra, porém, traduziu para o inglês uma verdadeira enciclopédia das crenças mágicas de seu tempo, incluindo uma lista de sessenta e nove demônios intitulada *Pseudomonarchia daemonum*. Esses demônios são exatamente os mesmos que encontramos no *Goetia*. A obra de Scott foi de tamanha influência que o próprio rei James I buscou refutar seu ceticismo em relação às bruxas publicando também um tratado de demonologia (Young, 2022, p. 202).

Temos então, na Inglaterra do final do século XVI e início do XVII, um cenário de conflito religioso, de caça às bruxas, de certo ceticismo e de uma instabilidade política cada vez maior advinda da ascensão da casa Stuart ao poder junto ao fim da dinastia Tudor. Esse será o cenário no qual o *Goetia* será composto, já no início do processo de guerra civil que transformará o reino da Inglaterra em uma breve república.

Agora que possuímos uma melhor compreensão da circulação de ideias que aconteceu durante os séculos XII ao XVII, podemos analisar melhor em que bases conceituais os espíritos

presentes na fonte foram construídos ao longo do tempo. Para isso, devemos adentrar no contexto linguístico da obra.

Nas entranhas conceituais do documento

Em uma primeira análise dos seres que compõe o *The arte Goetia* (do qual chamaremos aqui apenas de *Goetia*), os nomes ali presentes nos remetem diretamente a demônios bíblicos, velhos conhecidos da demonologia cristã: Astaroth, Belial, Asmoday (ou Asmodeus) são alguns deles. Como o próprio grimório nos conta, todos esses seres são espíritos infernais⁴, nos levando a crer que a perspectiva cristã medieval é de fundamental importância para uma correta compreensão do documento. Podemos atestar isso nesta passagem que explica o motivo do espírito não atender ao chamado do operador:

Se você chegar tão longe e ele ainda não aparecer, pode ter certeza de que ele foi enviado a algum outro lugar por seu rei e não pode vir; se for assim, invoque o rei para enviá-lo. Mas se ele ainda não vier, pode ter certeza de que ele está acorrentado no inferno e não está sob a custódia de seu rei: Portanto, se você deseja chamá-lo de lá, deve liberar o espírito da corrente &c (Peterson, 2001, p. 52. Tradução do autor)⁵

Ao mesmo tempo em que temos uma influência propriamente cristã, a prática da *Goetia* se mostra incongruente com a ortodoxia religiosa.

Para Santo Agostinho (430 d.C) todas aquelas atividades que buscavam causar efeitos na realidade, mas que eram inexplicáveis fisicamente, eram ilícitas; pois só poderiam ser resultado de obras diabólicas (Rider, 2014, p.20). A necromancia seria, por definição, qualquer tentativa de contato com demônios a fim de provocar fenômenos maravilhosos; sendo este tipo de atividade expressamente proibida pela igreja.

Tomás de Aquino (1225-1274 d.C) também argumentou contra todo tipo de magia, aduzindo que essas práticas seriam um erro de religião, pois estariam legando a outras coisas, que não Deus, a habilidade de produzir fenômenos maravilhosos; ou mesmo atribuindo-os a Deus, mas de forma não ortodoxa. (Faiger, 2019, p. 30)

⁴ Apesar de se referir aos espíritos como sendo “maus” (*evill spirits*) e não propriamente demônios, em todo o documento se faz referência ao inferno e a natureza infernal destes seres.

⁵ No original: If you come so far, and he yet doth not appear you may be sure he is sent to some other place by his king, and cannot come and if it be so Invoke the king as followed to send him, But if he doth not come still, Then you may be sure he is bound in chains in hell: and he is not in the Custody of his king: So if you have a desire to call him from thence, you must rehearse the spirits Chainé &c.

Apesar das perspectivas de Agostinho e de Aquino terem continuado hegemônicas durante a idade média, alguns homens da igreja refletiram sobre a possibilidade de seres humanos terem controle sobre demônios. Autores como o frade dominicano John Bromyard, em sua obra *Summa Praedicatorum* (1352 d.C.), entendia que os necromantes poderiam, através de símbolos astrológicos e palavras, controlar demônios. A historiadora Catherine Rider ainda afirma que:

(...) os textos de magia ritual compartilhavam algumas das pressuposições principais do Cristianismo medieval. Ambos assumiam que palavras sagradas e rituais eram poderosos, e que demônios existiam e podiam ser comandados com a ajuda de Deus – pressuposições que também fundamentavam a prática oficial do exorcismo. (Rider, 2012, p. 139)

Essa aproximação entre necromancia e exorcismo aparece reiteradamente na linguagem do *Goetia*. É pelo adjetivo *exorcista* que o documento se refere ao praticante da arte goética; quando não, utiliza o termo mago (*Magician*). Historiadores como Julien Véronèse, Richard Kieckhefer e Florence Chave-Mahir argumentaram também em favor desta aproximação. Chave-Mahir (2011, p 73) entende que existiam duas tradições de exorcismo populares durante a Idade Média: uma oficial, fundada no exemplo de Cristo; e outra, fundada por Salomão. Kieckhefer (2003, p. 14) ainda destaca que os termos *exorcismo* e *conjuração*, no vocabulário medieval, eram usados de forma intercambiáveis, pois em sua forma seriam práticas muito parecidas. Tanto o exorcista como o conjurador estariam em uma constante luta contra os demônios, seja para chamá-los ou expulsá-los.

Nesse sentido, se mostra evidente que o *Goetia* esteja completamente imerso em um contexto cristão, mas ainda há elementos que são alheios ao cristianismo ortodoxo; a começar por sua vinculação à figura do rei Salomão e não a de Jesus Cristo. De fato, a tradição que atribui o controle dos demônios ao rei hebreu não se encontra na Bíblia, mas sim em textos de origem judaica e islâmica

Desde a antiguidade, encontramos textos judaicos que associam Salomão ao exorcismo e ao controle de demônios. O mais influente deles é o relato escrito por Flavius Josephus em *Antiquitates Judaicae* (94 d.C.). Josephus narra um caso em que um exorcista, através de um anel mágico e do nome de Salomão, consegue expulsar um demônio que atacava um enfermo. Nesse relato, percebemos dois elementos centrais para a magia salomônica explicitada também no *Goetia*: o anel mágico e a autoridade do nome de Salomão frente aos espíritos (Skinner & Rankine 2007, p 24).

Já mais adiante, outro texto da antiguidade que se destaca é o Testamento de Salomão. Datado do século III depois de Cristo, traz consigo uma narrativa sobre como o rei teria ganhando o seu anel mágico do arcanjo Miguel, e assim, conseguido invocar e selar em um jarro de bronze um total de 60 demônios (Skinner & Rankine 2007, p 24). Na nossa fonte, vemos uma representação de anel mágico congruente com esta história:

Imagem 1 – Representação do anel de Salomão presente no *Goetia*.



Fonte: Peterson (2001)

É possível notar na imagem a presença do nome do arcanjo “*Michael*”, o *tetragrammaton*⁶, além de um termo em grego “*Anepheneton*”⁷. Esse anel deve ser confeccionado e usado pelo exorcista para preservá-lo de ataques de espíritos. Existem, portanto, semelhanças entre a narrativa presente no testamento de Salomão e a da nossa fonte.

Posteriormente esta tradição passou para o mundo árabe, ganhando bastante desenvolvimento dentro da cosmovisão muçulmana, a ponto do Corão fazer referência a ela:

E submetemos a Salomão o vento impetuoso, que sopra a seu capricho, para a terra que Nós abençoamos, porque somos Onisciente. E também (lhe submetemos) **alguns demônios que, no mar, mergulhavam para ele, além de outras tarefas**, sendo Nós o seu custódio. (Alcorão 21:81-82. Tradução por El Hayek. Grifo Nosso)

Salomão, na tradição árabe, ganha poderes sobre os elementos da natureza e sobre os “demônios”, mas que nos diversos tratados de magia islâmicos, vão ser identificados como “*djinns*”.⁸ É interessante notar que os *djinns* que Salomão tem controle o foram submetidos

⁶ O *Tetragrammaton* se trata de um termo grego que se refere às quatro letras hebraicas que formam o nome de Deus na tradição judaica.

⁷ O pesquisador Joseph Peterson, responsável pela transcrição da fonte, entende que o termo pode ser uma corruptela do grego *Anekphoniton*, que significa “Impronunciável”. Neste caso o nome se refere a Deus.

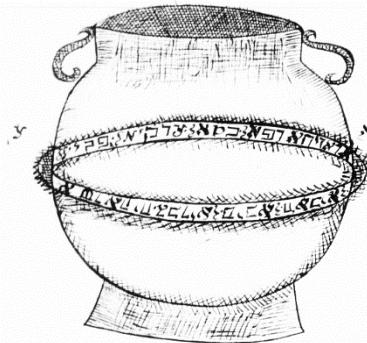
⁸ Os *djinns* são seres presentes na mitologia árabe que datam do período pré-islâmico, mas que foram incorporados no islamismo como uma espécie de espíritos intermediários entre os humanos, os anjos e Deus. Segundo Souza (2023) “os homens teriam sido criados do “barro moldável” e do “sêmen divino” (ALCORÃO,

por Deus a fim de que estes realizassem tarefas e desejos, nos moldes da figura clássica do gênio da lâmpada. Isso explica em partes a suposta contradição que permeia os espíritos do *Goetia*, seres que são maus (pois, como vimos, estão relacionados à concepção cristã de demônio), mas que realizam os desejos do operador através da vontade divina. Podemos notar também a relação entre Salomão e *djinns* nas histórias de *Alf Laylah wa Laylah* (séc XIII d.C), conhecido como As mil e uma noites:

Quando me viu (Salomão), ele se benzeu de mim e de minha figura e me ofereceu prestar-lhe obediência, mas eu me recusei. Então, ele mandou trazer este **vaso de cobre** e me prendeu dentro dele, lacrando-o com chumbo e **selando-o com o mais poderoso nome de Deus**. depois ordenou que **alguns gênios me carregassem** e me **lançassem no meio do mar**. (Livro das mil e uma noites, 2017, p.80. Grifo Nosso)

Podemos localizar um vaso de bronze muito semelhante no nosso documento:

Imagem 2 – Representação do vaso de bronze (em algumas versões, cobre)



Fonte: Peterson (2001)

Ora, aqui já conseguimos perceber que os principais elementos presentes no *Goetia*, como o vaso de cobre (ou de bronze), os nomes de Deus e o selo de Salomão já estão presentes no mundo islâmico. Comparemos essa passagem anterior das Mil e uma noites com o que diz o nosso grimório abaixo:

Estes são os setenta e dois reis ou príncipes poderosos que o rei Salomão mandou colocar em um **vaso de bronze** com suas legiões, dos quais Belial Bileth Asmoday & Gaap são os maiores. E supõe-se que foi por seu orgulho, pois Salomão nunca declarou por que ele os amarrado assim; E depois de **tê-los amarrado e selado**, ele, pelo poder divino, **lançou-os todos em um lago profundo** ou num buraco na Babilônia e os babilônios, querendo ver tal coisa lá, entraram completamente no lago para quebrar o vaso, suspeitando encontrar um grande Tesouro; mas quando eles a quebraram, todos os espíritos maiores voaram imediatamente, e suas Legiões os seguiram, e eles foram restaurados novamente em seus antigos lugares; Mas somente Belial que entrou em uma certa Imagem, e lá deu respostas àqueles que ofereceram sacrifícios a ele

55:14, 15:26 e 76:2); e os gênios foram criados do “fogo puro” e do “fogo sem fumaça” (ALCORÃO 15:27 e 55:15).”

como os Babilônios fizeram; pois eles ofereceram sacrifícios, e adoraram aquela Imagem como um Deus e etc. (Peterson, 2001, p.39-40. Grifo nosso)⁹

Percebemos, então, que vários elementos que estão no *Goetia* podem ser localizados também na tradição islâmica há no mínimo quatro séculos antes da escrita do nosso grimório. Ao mesmo tempo, é interessante notar que o texto faz questão de dizer que os espíritos goéticos, depois de serem libertados pelos babilônios, retornaram para os seus lugares, exceto Belial, que teria se tornado um deus naquela mesma região. Isso mostra que o documento está em consonância com a ideia cristã e judaica de que os antigos deuses mesopotâmicos eram demônios.

Entretanto, as raízes islâmicas da magia salomônica presente no *Goetia* não bastam para explicar totalmente a natureza desses espíritos. Além da influência dos *djinns* islâmicos e dos demônios cristãos, outra grande influência que se faz notar é a do anjo renascentista e a do *daimon* hermético. Em seu índice, o *Lemegeton* apresenta o conteúdo dos livros que o compõe:

A primeira parte é um livro de **espíritos malignos**, chamado *Goetia*, que mostra como ele capturou esses espíritos e os utilizou em várias coisas, pelo que obteve grande fama. A segunda parte é um livro de **espíritos [aéreos], em parte bons e em parte maus**, que se chama *Theurgia Goetia*, sendo todos os **espíritos do ar**. A terceira parte é [um livro] de **espíritos que governam as horas planetárias**, e quais espíritos pertencem a cada grau e planetas dos signos, e é chamado *Ars Paulina* [...] (Peterson, 2001, p. 5. Grifo nosso).¹⁰

Se analisarmos o sistema mágico presente no *Lemegeton* como um todo, percebemos que existe uma ideia de hierarquia. O *Goetia* trata dos espíritos mais baixos, passando assim para os espíritos aéreos presentes no *Theurgia Goetia*, que por sua vez seriam inferiores aos espíritos planetários encontrados em *Ars Paulina*. Esta concepção de espíritos bons e maus,

⁹No original: These be the seventy-two Mighty kings or Princes which King Salomon commanded into a vessel [vessel] of Brass with their Legions, of whom Belial Bileth [Beleth] Asmoday and Gaap were the Chiefess. It is supposed it was for their pride, for Salomon never declared why he thus bound them; when he had bound them up and sealed the vessel, he, by divine power cast Them all into [a] deep lake or hole in Babilon, and the Babylonians wondering to see such a thing there, they went wholly into the lake to break the vessel open, suspecting to find a great Treasure; but when they had broken it open out flew all the chief spirits Immediately, and their Legions followed them, and they were restored again to their former places; But only Belial who entered Into a certain Image, and there gave answers to those whom did offer sacrifice unto him as the Babylonians did; for they offered sacrifices, and worshiped that Image as a god, etc.

¹⁰No original: The first part, is a book of evil spirits, called *Goetia*, showing how he bound up those spirits and used them in several things, whereby he obtained great fame. The second part is a Booke of [aerial] spirits, partly good and partly evil, which is called *Theurgia Goetia* being all spirits of the ayre. The Third part is [a book] of spirits governing the planetary hours, an which spirits belong to every degree of the signs and planets in the signs, and is called *Ars Paulina* [...].

que podem ser acessados por meios ritualísticos, aparece também, de forma central, na obra do abade e mago germânico Johannes Trithemius. Em sua *Steganographia* (c.1500 d.C) ele afirma que: “os espíritos do ar, bons e maus, foram criados por Deus nas alturas para nosso préstimo e proveito, pelo conhecimento dos quais todos os segredos dessa arte são revelados, para nós eles são sem número, infinitos e completamente incompreensíveis” (Johannes Trithemius, *Steganographiae*, 1621: IV, *apud* Mendonça Júnior, 2020, p.75).

Esse trecho parece estar em consonância com as ideias presentes no *Lemegeton*. As semelhanças entre a *Steganographia* e o *Lemegeton* são várias, isso porque boa parte de seu conteúdo foi diretamente retirado das obras de Trithemius (como o *Ars Paulina* e *Theurgia Goetia*) ou estava presente em sua biblioteca, como provavelmente é o caso dos símbolos de cada um dos 72 demônios que compõe o *Goetia* (Skinner & Rankine, 2007, p 34).

Porém, o que buscaremos destacar aqui, está na ideia compartilhada pelos dois documentos de seres espirituais bons e maus, relacionados ao ar e aos astros, e passíveis de comunicação. Para Mendonça Júnior, esta ideia está em completa relação com a concepção do *daimon* hermético. Na tradição hermética¹¹, os *daimones* são seres intermediário entre os deuses e os homens:

Conforme a revelação hermética recebida por Hermes Trismegistus diretamente da manifestação divina chamada Poimandres, quando da gênese universal o *Noûs* Pai teria criado o *Noûs* Demiurgo para que este dessa forma e função ao mundo. O *Noûs* Demiurgo por sua vez criou os planetas, para que estes o ajudassem em sua tarefa, e **estes criaram os seres inferiores sobre os quais poderiam exercer sua influência.** (Mendonça Júnior, 2011 p. 5. Grifo Nosso)

Entretanto, é necessário entender também que o vocábulo *daimon* pode ter vários significados a depender da época e tradição. Segundo David Pessoa de Lira (2011, p.89) no grego antigo a palavra *daimon* (δαίμων) poderia se referir a divindades que guiavam o destino de cada pessoa ou grupo social. Para os antigos gregos, o *daimon* não era bom nem mau, podendo causar as duas coisas de acordo com a devoção ou destino de alguém (De Lira, 2011, p. 91). A palavra ganhou outra conotação nos escritos judaicos do período helenístico (338 a.C. a 146 a.C.), pois com a influência do dualismo presente no zoroastrismo, carregou a palavra *daimon*, antes usada para se referir a deuses estrangeiros, com um sentido negativo e de inferioridade (De Lira, 2011, p. 94). Como vimos acima, a literatura hermética preservou

¹¹ O hermetismo é uma tradição mágico-filosófica que teria nascido na antiguidade, muito influenciada por doutrinas neoplatônicas, bem como por elementos religiosos egípcios, cristãos e helênicos. O hermetismo foi recuperado pelos humanistas do Renascimento através da tradução para o latim do *Corpus Hermeticum*, realizada pelo médico florentino Marsilio Ficino (1433-1499) (Mendonça Júnior, 2020, p. 59)

um sentido mais original da palavra, descartando aquele atribuído pelo judaísmo e herdado pelo cristianismo. Portanto, é compreensível que no *Goetia* os dois significados estejam implícitos nos espíritos ali presentes, visto que nele existe uma mescla entre o sentido cristão e o sentido hermético.

Ainda segundo Mendonça Júnior (2011, p. 6), a figura do *daimon* hermético foi, durante o Renascimento, associada à ideia de anjo da guarda corrente na época. Assim como os anjos, os *daimones* seriam instrumentos da divindade, intermediários entre assuntos humanos e divinos, pertencentes a uma hierarquia de caráter militar, pois comporiam um exército. Esses elementos também estão presentes nos espíritos apresentados pelo *Lemegeton*; no documento há uma hierarquia entre os espíritos, incluindo reis, duques, condes, marqueses e presidentes, cada um relacionado a um metal específico, seguindo as correspondências herméticas.

Uma considerável porção de grimórios de magia também se dedicou a falar sobre anjos. Livros como *Ars Notoria*, *Liber Juratus*, e claro, todo o trabalho de *John Dee* — um quase contemporâneo da nossa fonte — têm na ideia de anjos como seres intermediários entre Deus e os homens, seu mote principal. Mas como estamos analisando o *Goetia* especificamente, a ideia de *demônio-daimon-djinn* nos parece mais alinhada com a fonte, visto que ela trata de seres infernais e de moralidade ambígua, não se aproximando aos anjos neste sentido.

Uma grande característica encontrada nos *daimones* herméticos está na associação entre esses espíritos e os astros. Segundo a tradição revelada por Hermes Trismegisto, os *daimones* seriam responsáveis por aplicar as influências planetárias no mundo, sendo a humanidade receptora direta destas influências por estar presa pelo corpo físico, a armadura das esferas. Porém, caso o homem descobrisse as relações de simpatia e antipatia existentes no mundo natural, conectadas aos planetas, poderia ele próprio comandar os *daimones* e produzir maravilhas neste mundo (Mendonça Júnior, 2011, p. 7).

Os espíritos presentes no *Goetia* estão relacionados a metais, e esses metais são representados por símbolos planetários. É por meio da manipulação destes metais, usados na confecção de talismãs em um horário e dia astrológico correto, que a comunicação com esses espíritos se tornaria possível. Essa metodologia já havia sido discutida pelos principais hermetistas da Renascença, como Marsílio Ficino.

A magia [de Ficino] consiste em guiar ou controlar o influxo do spiritus na matéria, e um dos meios mais importantes de efetuar isso são os talismãs, objetos materiais em que se introduziu o spiritus de uma estrela, e que conservam esse spiritus. (Yates, Francis, 1995, p.82)

Pico della Mirandola (1463-1494) também versa sobre o assunto em sua tese de número vinte e quatro, dizendo que o poder do talismã está localizado não em sua matéria, mas sim em seus caracteres mágicos (Mendonça Júnior, 2020, p. 60).

Para o *Goetia*, essa lógica faz bastante sentido, já que é necessário gravar o símbolo de cada espírito no metal apropriado. Sobre estes metais e suas correspondências podemos ver: “Os selos dos 72 reis devem ser feitos em Metais, o maior dos reis em ☉¹², Marqueses em ☾, Duques em ♀. Prelados em ♃, Cavaleiros em ♄, & Presidentes em ♁, Condes em ♀ & ☾ de forma igual” (Peterson, 2001, p. 40)¹³.

Portanto, percebe-se que existe uma influência hermética considerável tanto na prática como na concepção dos espíritos que compõem o *Goetia*. Porém, não podemos deixar que essas semelhanças nos façam incorrer no erro de entender a magia salomônica e as práticas propostas pelos magos humanistas como sendo exatamente a mesma coisa. Johannes Trithemius condenou expressamente livros de magia salomônica em seu *Antipalus Maleficiorum* por estes lidarem com demônios. Giambattista della Porta também argumentou que a magia natural não se relaciona com invocações demoníacas, sendo estas reservadas apenas para feiticeiros e bruxas (Saito, 2006, p. 128). Devemos lembrar que a prática de magia para o catolicismo era entendida como heresia e, portanto, objeto da inquisição desde a bula papal *super illius specula* (c.1326), levando com que estes magos naturais fizessem o possível para se afastar de práticas claramente heréticas (Boureau, 2016, p. 21). Mesmo para os praticantes da magia natural do renascimento, a prática de necromancia parecia ser um claro limite.

Para os praticantes do *Goetia*, não havia contradição aparente em conjurar demônios e estar de acordo com a ordem divina, pois a própria divindade teria legado este poder a Salomão e seus eleitos. É possível que um dos motivos que tenham contribuído para esta convicção seja o fato de que a figura do antigo rei de Israel, que nos foi apresentado até então,

¹² Esses símbolos representam astros e metais ao mesmo tempo, são eles na ordem: Sol (ouro), Lua (prata), Vênus(cobre), Júpiter (latão), Saturno (chumbo) e Mercúrio.

¹³No original: The seals of those 72 kings are to be made in Mettalls, The cheefest King in Sol (gold), Marquisses in Luna (silver), Dukes in Venus (copper). Prelates in Jupiter (tin), knights in Saturn (lead), & Presidents in Mercury,⁸⁴ & Earles in Venus (copper) & Luna (silver) equally alike &.

se aproximar muito do ideal renascentista de homem que se desenvolveu na Europa entre os séculos XV e XVIII, o *vir virtutis*. Vimos que Salomão é representado como aquele que tem poderes sobre os ventos, sobre os animais e sobre demônios, herança direta da tradição islâmica, mas que se conecta fortemente com a ideia de *uomo universalis*; o modelo de homem renascentista que buscava dominar as vicissitudes da fortuna humana e atingir o controle da vida por meio de suas virtudes. Para Skinner (2009, p. 117), o conceito de *vir virtutis*, que seria também relacionado ao conceito de *magus*, busca expressar uma nova concepção da humanidade, onde se conseguiria lutar contra a maré das contingências da vida por meio do conhecimento universal, tornando-se senhor do seu próprio destino.

Podemos notar essa ideia nos próprios resultados que a magia presente no *Goetia* promete: 13% dos demônios garantem a habilidade de prever o futuro e saber das coisas do passado, ao passo que 12% referem-se à aprendizagem das artes liberais, em especial a retórica. Para os humanistas florentinos dos séculos XIV e XV, como afirma Skinner (2009, p.109), a arte da retórica era uma das mais importantes dentro da concepção do *vir virtutis*. Francesco Petrarca (1304-1374), considerado o pai do humanismo italiano, afirmava que apenas junto a uma oratória desenvolvida poderíamos alcançar o objetivo da filosofia, *i.e.*, o cultivo da virtude (Skinner, 2009, p.109). É claro, estas suposições devem ser mais fundamentadas em outros trabalhos, aqui nosso objetivo está na compreensão das ideias que permeiam os espíritos apresentados na obra.

Conclusões

Percebemos que os 72 espíritos analisados são permeados de diversas influências que foram sendo construídas ao longo da história, em especial o *djinn* islâmico, o *daimon* hermético, o anjo renascentista e o demônio cristão. Como vimos, entendemos que a perspectiva de Kocku von Stuckrad, ao dar ênfase para a pluralidade religiosa do continente europeu na construção da concepção do fenômeno esotérico, consegue compreender a magia salomônica como essa amálgama de tradições desenvolvidas ao longo do tempo. Notamos também que, para apreender o texto a partir de seu contexto nos moldes de Skinner, tornou-se necessário buscar entender como as diferentes ideias surgem em determinados contextos e se cruzam a outras, até se encontrarem na fonte analisada. A concepção do *demônio-daimon-djinn* só se tornou possível a partir da movimentação e do encontro de diversas

tradições ao longo dos séculos XII ao XVII, que se deslocaram e se modificaram ao longo do tempo. Entendemos que a concepção de *demônio-daimon-djinn* é muito mais precisa para a correta compreensão destes seres do que a demônios ou espíritos goéticos, pois com ela conseguimos relacionar muito mais a fonte com o seu contexto linguístico. Certamente há muito que dizer sobre as ideias e os contextos representados no *Goetia*, pois aqui optamos por uma visão mais geral e abrangente de seu conteúdo. De fato, as ideias não seguem a cronologia dos acontecimentos políticos, podendo atravessar o tempo em séculos, como vimos nesta análise.

Referências

- ALIGHIERI, D. (1999). *A divina comédia: Inferno*. Editora 34.
- ANÔNIMO. (2017). *Livro das mil e uma noites – Volume 1: Ramo sírio* (Edição revista e atualizada). Globo Livros.
- BOUREAU, A. (2016). *Satã herético: O nascimento da demonologia na europa medieval (1280-1330)*. Editora Unicamp.
- CHAVE-MAHIR, F. (2011). *L'exorcisme des possédés dans l'Eglise d'Occident (Xe-XIVe siècle)*. Brespol.
- DE LIRA, D.P. (2011). A demonologia no ambiente do Novo Testamento: Uma análise ideológico-conceitual da palavra *daimōn* no *Corpus Hermeticum*. *Protestantismo em Revista*, 25, 87-98. Recuperado de <https://doi.org/10.22351/nepp.v25i0.147>. Acessado em 04 de junho de 2024.
- DE LIRA, D.P. (2012). O Idris corânico e Hermes Trismegistos: As raízes do hermetismo árabe e sua influência no Ocidente. In *Anais do VI Congresso Internacional em Ciências da Religião e XIII Semana de Estudos da Religião* (Goiânia, GO).
- DELUMEAU, J. (1984). *A civilização do Renascimento*. Imprensa Universitária nº 37
- EL HAYEK, S. (2016). *O significado dos versículos do Alcorão Sagrado*. MarsaM Editora Jornalística.
- FAIGER, C. (2019). For Magic. In: RIDER, C. PAGE, S. *The Routledge history of medieval magic* (pp. 568). Routledge.

- FAIVRE, A. (2016). Renaissance Hermeticism In MAGEE, G. (1ªed.), The Cambridge handbook of western mysticism and esotericism (pp. 514). Cambridge University Press.
- FAIVRE, A. (1994). O esoterismo. Campinas: Papirus.
- HANEGRAAFF, W. J. (2013). Western esotericism: A guide for the perplexed. London: Bloomsbury Academic
- LE GOFF, J. (2003). Os intelectuais na Idade *Média*. José Olympio
- KIECKHEFER, R. (1998). Forbidden rites: A Necromancer's Manual of the Fifteenth Century. Penn State Press.
- MENDONÇA JÚNIOR, F.P.S (2011). *Angelus daemonicus: os anjos e o pensamento mágico medievo-renascentista*. Anais Dos Simpósios da ABHR, 12(1). Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/159>. Acessado em 05 de abril de 2024
- MENDONÇA JÚNIOR, F.P.S. (2020). *Artífice do segredo: o abade Johannes Trithemius (1462-1516) entre o magus e o secretarium do Princeps*. [Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais] Repositório institucional da UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/VGRO-82TGK8>
- PETERSON, J. H. (Ed.). (2001). *The lesser key of Solomon: Lemegeton Clavicula Salomonis* (Illustrated ed.). Weiser Books.
- RIDER, C. *Magia e religião na Inglaterra medieval*. tradução Fabíola Cardoso. São Paulo: Madras, 2014. (n.d.).
- SAITO, F. (2006). *A distinção entre magia natural e magia demoníaca na Magia naturalis de Della Porta*. ResearchGate. https://www.researchgate.net/publication/233417389_A_distincao_entre_magia_natural_e_magia_demoniaca_na_Magia_naturalis_de_Della_Porta Acessado em 05 de abril de 2024.
- SKINNER, Q. (2009). *As fundações do pensamento político moderno*. Companhia das letras
- SKINNER, S., & RANKINE, D. (2007). *The Goetia of Dr Rudd: The Angels & Demons of Liber Malorum Spirituum Seu Goetia Lemegeton Clavicula Salomonis: with a Study of the Techniques of Evocation in the Context of the Angel Magic Tradition of the Seventeenth Century*. Red Wheel

SOUZA, C. D. M. (2023). *Um Tema para Medievalistas: Os gênios no Islã*. Blog do POIEMA. Recuperado de <https://wp.ufpel.edu.br/poiema/um-tema-para-medievalistas-os-genios-no-islã/> Acessado em 4 de abril de 2024.

STRUBE, J. (2021). Towards the Study of Esotericism without the “Western”: Esotericism from the Perspective of a Global Religious History (pp. 45-66). En *New Approaches to the Study of Esotericism* Brill.

VÉRONÈSE, J. (2019). Solomonic magic. In *The Routledge history of medieval magic* (pp. 187-200). Routledge.

YATES, F. (1995). *Giordano Bruno e a tradição hermética*. Cultrix.

YOUNG, F. (2022). *Magic in Merlin’s Realm*. Cambridge University Press.